

Scheler e a Problemática da Morte e Sobrevivência: uma Preocupação Ética

José Eymard da Silva¹

A morte arrisca-se a desaparecer de nossos olhos: não é aceita, nem explicada, mas é posta de lado.

*Max Scheler*²

Não é outro o objetivo de nosso trabalho senão o de propiciar um contato com o pensamento de Max Scheler, especificamente no que tange à problemática da morte e da sobrevivência. Justifica tal empreitada a atitude paradoxal predominante no mundo de hoje, em que, apesar de tantas evidências, haja vista os incontáveis casos provocados pela violência, acidentes, terremotos, a morte constitui um âmbito sobre o qual o homem atual se recusa intencionalmente a considerar, colocando-o à margem do feixe de suas preocupações e afazeres. De forma original e consistente Scheler trata essa questão, através de um conjunto de textos escritos entre 1911 e 1916, reunidos no livro intitulado *Morte e Sobrevivência*, não representando, portanto, qualquer equívoco a afirmação de que é um dos pensadores que melhor ilumina terreno tão obscuro e controverso.

No seu modo de entender, a postura adotada pelo homem moderno diante da própria morte implica no desaparecimento da crença na imortalidade. Imerso na rotina de seus trabalhos e na busca incessante de lucros, substitui a idéia de morte acreditando ilusoriamente em uma continuidade interminável da vida. Para resgatar a crença na sobrevivência, não há outro caminho a não ser trazer novamente ante o seu foco de visão a questão da morte.

1. SCHELER, M. *Morte e Sobrevivência*. Lisboa-Portugal. Edições 70, 1993, p. 48.

2. Mestrando em Filosofia Ética pela Puccamp e bolsista da CAPES.

A DILUIÇÃO DA CRENÇA NA IMORTALIDADE

Não há como negar que em todos os povos e culturas exista, sob as mais diversificadas formas, a crença na imortalidade da pessoa. Essa crença, contudo, não exige um ato particular de fé ou demonstrações rigorosas que garantam sua efetividade, mas constitui um elemento inerente à própria concepção natural de mundo. Da mesma forma, é inegável também que essa questão ultimamente já não tenha a mesma significância, podendo-se afirmar que, aos poucos, vai deixando de integrar a cosmovisão moderna, de tal forma que não é por falta de evidências que Scheler adverte que *nos últimos séculos, no interior da civilização européia ocidental, vemos diminuir cada vez mais a crença na imortalidade*.³

Ele recusa essa tendência, porque a pessoa, na sua concepção, é indiferente às determinações do mundo físico ou do psíquico, de forma que a morte decorrente da interrupção das mesmas, não significa a anulação ou a destruição da pessoa, que existe exclusivamente na realização de seus atos. Inclusive, ao tratar da questão da imortalidade, para evitar a coisificação do espírito ou da pessoa, Scheler rechaça o caráter substancial da pessoa, afirmando não existir tal substância ou coisa imperecível, senão a síntese e harmonia realizada em atos de natureza diversa.⁴

O fator determinante para o desaparecimento da crença na sobrevivência diz respeito unicamente à maneira como o homem moderno se relaciona com a sua própria morte. Seu modo de viver e as preocupações em que se detém dissipam-lhe na consciência o fato intuitivo da morte, de forma que já não vive mais em vista da morte. Ocasionalmente sabe que morre e a idéia de sobrevivência não lhe causa maior interesse.

A PROBLEMÁTICA DA MORTE

Embora o homem moderno procure a qualquer custo negar a essência e o ser da morte, não lhe foge à observação a morte de

3. Op. cit. p. 13.

4. SUANCES, M. e MANUEL, A. *Max Scheler - Princípios de uma ética personalista*. Barcelona; Editorial Herder, 1986, p. 25.

outros homens e dos seres vivos de maneira geral. Independentemente das experiências de morte que a rodeiam e mesmo que fosse o único ser vivo existente sobre a terra, a pessoa saberia que, de uma forma ou de outra, a morte a alcançaria. Decorre tal fato da existência da idéia e da essência da morte na consciência humana como elementos constitutivos. Assim, a morte não é algo estranho ou contingente provindo de causas exteriores, que se impõe ao fim do processo vital. *“Enquanto tal, a morte não nos pode fazer frente, por natureza, como um acontecimento ocasional, com o qual nos esbarramos como que por acaso, como se fosse um muro em que embatemos caminhando às escuras.”*⁵ Ao contrário, a morte é um elemento necessário e evidente que perpassa todos os momentos que compõem o processo da vida, o qual contém em sua forma essencial também a essência da morte. Textualmente, Scheler afirma que *“a morte é um a priori de toda a experiência de observação ou indutiva, relativamente ao conteúdo mutável de cada processo vital.”*⁶ Inclusive, a morte provocada por causas externas, a exemplo de assassinatos, acidentes, deve ser entendida como algo decorrente do processo vital mesmo.

A estrutura de cada fase do processo vital e da consciência interna dele carrega consigo as dimensões do ser presente, do ser passado e do ser futuro, às quais correspondem três tipos de atos imediatos: percepção, recordação e espera, de forma que, em cada momento indivisível do nosso percurso vital, temos a experiência real de que na medida em que *algo foge, algo se aproxima*. Quer dizer, a totalidade do processo vital que cresce com a evolução do homem, se reparte de forma que a extensão do passado vai se ampliando, enquanto se diminui o tempo objetivo do futuro e se comprime cada vez mais a extensão do presente. Em outras palavras, a extensão vivenciada do passado cresce à custa do futuro e a cada momento vital experimentado se vivencia a direção dessa mudança, que Scheler denomina de *vivência da direção da morte*⁷, a qual nos dá a certeza da morte, que se traduz pela sensação de que se está morrendo.

5. SCHELER, M. Op. cit., p. 31.

6. Idem, p. 23.

7. Op. cit., p. 27.

Porém, a morte não é um perecer relativo, a exemplo da natureza inorgânica, que sempre conduz ao permanecer de outra coisa. A morte é um perecer absoluto que, de forma alguma, pode ser considerado como o surgimento de uma outra coisa, uma vez que o morrer é um ato próprio do ser vivo. É um ato que faz parte dos atos vitais. Segundo Scheler, *“os seres vivos são seres que nascem e morrem de modo absoluto e não relativamente ao sujeito da observação, tal como os seres inanimados”*.⁸

Concluindo, de forma sintética e objetiva, eis o que Scheler pensa efetivamente em relação à morte: *“A morte efetiva apresenta-se constantemente - no que respeita ao momento e ao modo do seu aparecimento - como uma confirmação imprevisível de uma certeza intuitiva que é um elemento de qualquer vivência. Sob a forma desta certeza, a morte não se encontra no fim real da vida (neste caso, seria apenas uma espera deste fim, fundamentada na experiência de outros seres), mas acompanha a totalidade da vida como elemento permanente de todos os seus momentos”*.⁹

A REPRESSÃO DA IDÉIA DE MORTE

Sendo a experiência de morte um elemento constante de qualquer experiência de vida, esse fenômeno é concebido nos vários grupos e épocas de forma diversificada, estabelecendo-se com ele relações de medo, espera silenciosa, submissão. Acima de tudo, no entanto, há momentos de obscurecimentos ou iluminações do saber sobre a morte que, às vezes, marcam a consciência de épocas inteiras. Esses obscurecimentos da certeza sobre a morte advêm de uma causa positiva, que consiste no recalçamento ou repressão da idéia de morte, em razão da impossibilidade de dominar este pensamento e da dificuldade que o homem encontra em se conformar com a morte. Este recalçamento se traduz em duas formas:

- a. a primeira é um fenômeno, até certo ponto, universal e próprio à natureza humana, que pode ser considerado de elevada utilidade vital. É necessário que o homem não mantenha constantemente a idéia de morte na zona da clara

8. Idem, p. 34.

9. Idem, p. 35.

consciência, a fim de conferir seriedade, peso e significado às suas ações. A presença contínua dessa idéia faria com que o homem tratasse com descaso seus trabalhos, suas preocupações terrenas e também os cuidados com a manutenção e prosseguimento da vida individual. “*Um ser que, em cada instante da sua existência, tivesse diante dos olhos a evidência da morte de que faz a profunda experiência, viveria e agiria de forma totalmente diferente do homem normal.*”¹⁰

- b. a outra forma de recalçamento, por não ser natural, é totalmente distinta desta. Quem melhor a exprime é o homem moderno europeu ocidental, para quem o trabalho e o lucro perdem o caráter de atividades impostas pelas necessidades vitais, para se transformarem em impulsos sem limites. Assim, os contornos históricos onde predomina este tipo de homem sofrem profundas alterações, na medida em que o poder resulta da riqueza, a organização político-jurídica depende das estruturas econômicas, que, inclusive, passam a regular o instinto de reprodução. Além disso, as antigas relações de lealdade e de crença dissolvem-se em tratos arbitrários e tudo fica sujeito ao cálculo. *Pensar torna-se calcular*, de maneira que os valores vitais subordinam-se ao útil e ao mecânico (máquina), considerando-se como real apenas o que pode proporcionar segurança e garantia, enquanto que as formas e valores não passam de dados subjetivos e arbitrários. O mundo acolhedor e orgânico se transforma num frio objeto de cálculo e de agressão pelo trabalho ganancioso.

São exatamente esses novos impulsos – tornados instintos – de trabalho e lucro sem limites que fundam uma nova atitude interior total diante da morte. Da mesma forma como esses impulsos impelem este tipo de homem para longe de qualquer contemplação ou gozo de Deus e do mundo, o narcotiza contra a idéia de morte, que é substituída pela ilusão de uma vida infinda, em que o ídolo do progresso aparece como o sucedâneo da vida eterna.

O esforço do homem moderno em fazer cálculos diante da morte e de se proteger em relação a ela culmina no apagamento da

10. Idem, p. 39.

intuição de morte, de modo que ele já não vive perante a morte. Ele não teme a morte por si mesma, uma vez que essa idéia já foi afastada pela mesma angústia vital que submete ao cálculo o decurso da própria vida. Conseqüentemente, não mais aparecendo como elemento inerente à própria vida, a morte se apresenta como violência e brutalidade sem sentido, ou como algo catastrófico. Ademais, se antes a morte possuía um caráter formador e diretor da estrutura e dos conteúdos da vida, o novo homem vive literalmente no dia-a-dia, até que subitamente não haja mais um dia. Para ele a morte tem a mesma importância que o perigo de um incêndio ou de uma inundação.

SOBREVIVÊNCIA: CRENÇA OU INTUIÇÃO?

Se a sobrevivência implica necessariamente a morte, a crença na sobrevivência da pessoa moral e espiritual somente se torna possível mediante a superação das forças anômalas que reprimem a idéia de morte.

Scheler não pretende demonstrar a imortalidade nos moldes racionais da metafísica clássica, até porque imortalidade é um conceito negativo e como tal é indemonstrável. Preferindo falar em sobrevivência ou continuidade, admite que, por mais que se conseguisse provar a independência essencial da pessoa com relação à vida orgânica, jamais seria possível demonstrar que, além do ato da própria morte, a pessoa não deixaria de existir. Do mesmo modo, o fato de não podermos ver a pessoa depois da morte, pouco significado tem, dado que nunca a podemos ver de um ponto de vista sensível. Em certo sentido, a pessoa espiritual é também invisível, quando falo com ela e ela se exprime. A inexistência de fenômenos expressivos depois da morte significa apenas que já não se pode compreender a pessoa, não constituindo, no entanto, motivo suficiente para afirmar que ela não sobrevive, negando-se, por conseguinte, a continuidade de sua existência.

A argumentação mais sólida e positiva se desenvolve a partir de uma experiência fundamental¹¹ que se dá sob dois aspectos:

11. Op. cit., p. 64.

- a. a pessoa espiritual, em cada um dos seus atos (perceber, recordar, esperar, querer, poder, sentir), vai além do limite do seu corpo que se lhe oferece sempre e, ao mesmo tempo, na experiência. Esses limites podem ser de ordem espacial, temporal, ou de conteúdo qualitativo da situação do corpo.
- b. a quantidade de conteúdos de cada ato é sempre maior do que a quantidade das situações corporais que lhe corresponde.

Embora pertença à essência de um corpo que ele esteja presente aqui e agora, o espírito vai além dos limites do presente, seja através da recordação que permite ao passado reaparecer diante dos olhos do espírito, seja esperando espiritualmente o conteúdo do futuro. Assim, toda a realidade espiritual presente tem como pano de fundo uma visão total imprecisa da vida, que se divide nas esferas do passado e do futuro, de forma que o recordar e o esperar estendem-se para além dos limites dados no meu corpo, dos estados do corpo e de tudo o que é dado simultaneamente na experiência, decorrendo daí que a própria pessoa e seu mundo espiritual excedem as intenções possíveis e representam um conteúdo espiritual muito mais rico.

Por conseguinte, se esse ultrapassar pelos seus atos os limites do corpo e seus estados pertence à essência da pessoa, no ato da morte, quando o corpo deixa de existir, nada acontece de novo, continuando a pertencer à pessoa o mesmo que quando estava viva. Se enquanto viva os seus atos excediam o estado de seu corpo, também agora excedem a sua destruição e desaparecimento.

Sem elementos suficientes para afirmar se a pessoa continua ou não a existir depois da morte e de que forma, Scheler adota uma postura muito pessoal, dizendo acreditar que continua a existir, “*visto não ter qualquer fundamento para admitir o contrário e que as condições essenciais para aquilo em que acredito estarem evidentemente preenchidas*”.¹² Na experiência imediata do excesso de todos os atos espirituais da pessoa sobre seus estados corpóreos e, no ato da morte, na experiência do excesso da pessoa sobre a unidade do corpo, reside o dado intuitivo essencial que preenche a idéia de sobrevivência.

12. Idem, p. 71.

Admite, ainda, Scheler uma relação essencial entre a pessoa espiritual e o corpo. Este não se dá como uma soma de sensações e de certas associações, nem o apreendemos de forma dedutiva. Pelo fato de ser uma evidência essencial que a uma pessoa pertence um corpo, a nossa pessoa espiritual que sobrevive à morte certamente terá um corpo, pois as conexões essenciais valem também em outra esfera.

Porém, como a questão da sobrevivência é algo que se sabe apenas na hora da morte, esbarra-se aqui no limite, de tal forma que se a pessoa existe depois da morte é uma pura crença e a forma como isso acontece é curiosidade e atrevimento. Assim, afirmar a sobrevivência é uma questão de crença e não de intuição.

CONCLUSÃO

Os textos que compõem o livro *Morte e Sobrevivência* coincidem com o período em que fora escrita e publicada a principal obra de Scheler: *O formalismo na ética e a ética material dos valores*. Assim, não é de estranhar a profunda inspiração ética que transparece nas suas entrelinhas.

Ao que parece, a preocupação originária de Scheler não é tanto com a questão da sobrevivência ou imortalidade como tal. O desaparecimento na crença da imortalidade, mais do que um sintoma, é uma evidência de que a pessoa está sendo reduzida aos meros aspectos biológicos, psíquicos e físicos. Para ele, que concebe a pessoa como o valor supremo, ao qual estão subordinados todos os demais valores, essa tendência é uma afronta. Então, o que pretende é reafirmar e preservar ao máximo a integridade e dignidade da pessoa, que tem no espírito a esfera íntegra de todos os seus atos. Em outras palavras, sua preocupação é salvaguardar o caráter espiritual da pessoa, ameaçado pela nova postura do homem moderno que, deixando de lado a morte, concentra sua vida no trabalho obcecado e na ganância pelo lucro, ancorando no mito do progresso a ilusão de uma vida eterna. Os resultados dessa atitude transparecem no descuido da sua vida familiar, religiosa, do seu contato com a natureza, da relação espontânea com seus semelhantes etc. Em suma, o homem envolve-se num processo de desetização de suas relações.

Quando a idéia de morte é deixada de lado e substituída por outras coisas criadas pelo próprio homem, ela deixa de ser um elemento essencial ao processo vital, revestindo-se, por conseguinte, de um caráter trágico e catastrófico, pois o sentido último da vida humana está depositado em coisas externas e alheias ao seu ser. Em contrapartida, quando o homem tem a morte diante dos olhos, por mais temor que possa causar, é encarada como algo natural e inerente ao processo de evolução da vida, tendo, sobretudo, um papel importante, na medida em que constitui uma referência diante da qual a pessoa pode estruturar e direcionar os conteúdos de sua vida. O homem precisa en senhorar-se de suas próprias criações se não quer viver sob seu jugo destruidor.

A crença na sobrevivência ou na continuidade da pessoa nada mais é, enfim, do que a crença naquela potência espiritual que sobrepasa a vida e que nos distingue fundamentalmente dos demais seres vivos.

BIBLIOGRAFIA

- SCHELER, M. *Morte e Sobrevivência*. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1993.
- _____. Ética, Buenos Aires, *Revista de Occidente Argentina*, 1948, Tomo II, Seção VI.
- AZEVEDO, J.L. de. Max Scheler - *Exposicion sistematica y evolutiva de su filosofia*, Argentina: Editorial Nova Buenos Aires, 1966, Cap. V.
- SUANCES, M. e MANUEL, A. Max Scheler - *Principios de una ética personalista*. Barcelona: Editorial Herder, 1986.